



Ananda Lairiroy - Solteira (não conseguiu casar com nenhum colega), 21 anos, trabalhando em rádio desde os 17, pretende se aposentar com um salário de diretora de FM, além de ter este cargo ainda nesta década. Antes da aposentadoria, porém, quer assistir a um show dos Rolling Stones e ser muito feliz da vida.



Arlene Superti - Idealista, sonha um dia poder levar informação a todos os recantos do país sem manipular a opinião de ninguém. Prefere jornal ou rádio, mas não descarta outras oportunidades de exercitar o que não aprendeu. Exige um salário razoável, a ser combinado oportunamente.



Caio de Castilhos - 25 anos de sonho, principalmente os últimos quatro. Sonho de trabalhar como redator em um jornal da Capital, sonho de me tornar comunicador rural no interior do Rio Grande... e a realidade de sair deste lugar com um canudo embaixo do braço e não saber o que fazer dele.



Carlos Alberto Wagner - Tenho uma veia que me dá tino para escrever para colono - daqueles que moram lá no interior, mesmo. Até já falei com alguns. Penso enveredar pelas picadas da comunicação rural. Para iniciar carreira aceito emprego de diretor de publicações desta área. Ambiciono chegar a repórter.

PROCURA-SE UM MERCADO DE TRABALHO



Cláudia Maciel - Aceita qualquer proposta indecorosa por parte de chefes em geral, desde que o salário seja compensador. Promete não se submeter a qualquer teste de competência jornalística, por pena de humilhar os colegas de profissão. No fundo, quer ser funcionária pública do governo de Moscou.

Não querendo saber se existe uma saturação, os novos profissionais aqui estampados lançam-se ávidos no mercado.

Mais uma manada de "focas" à solta, pronta a quebrar o focinho nos teclados de uma máquina ou se perder num labirinto de sons e imagens.

Alguém simpatiza com eles?

3x4

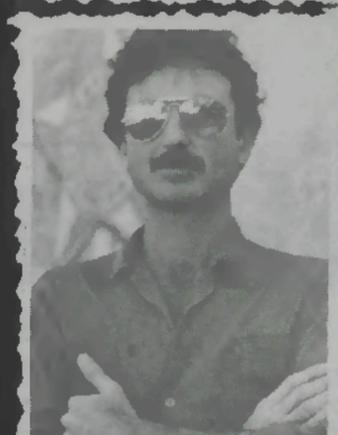
Segundo Semestre de 1982
Faculdade de Biblioteconomia
e Comunicação Social -
UFRGS
Porto Alegre-RS



Eduardo Tavares (Dudu) - Vitivinicultor, já trabalhou na terra, foi eletrotécnico e escapou de ser engenheiro. Foi coroinha e militante estudantil, sempre com fé. Formado em parapsicologia e dactilodagnose (em uma semana) é retratista por opção e jornalista por acaso. Teve uma coruja de estimação e candidata-se a editor da revista PHOTO.



Jane Liberato - Quer ser uma-jornalista brilhante e bem sucedida. Quer um bom emprego, ser rica e feliz. Quer, de alguma forma, ajudar o mundo a ser mais unido e mais amado. Quer um dia, talvez, ver um livro seu publicado. E mais nada.



José Renato Vieira - Já jogou em várias posições: fez teatro audiovisual, publicidade, iniciou sua formação universitária na Agronomia e atualmente usa os conhecimentos cuidando das plantas de casa. Trabalhou em TV, seu grande sonho. Foi na RBS, que não é nada do que dizem, é muito pior. Almeja voltar à TV.



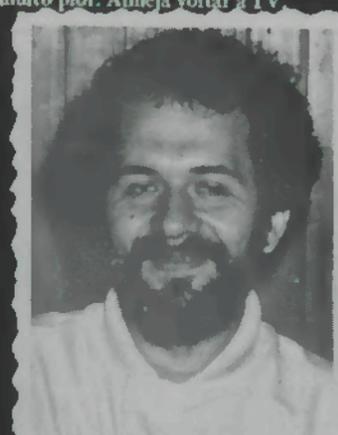
Luis Augusto C. de Mesquita - Desejo coisas bem simples agora. Por exemplo? Viajar por lugares distantes, dentro e fora do Brasil, convivendo, aprendendo, utilizando às quatro línguas que falo nas mídias impressas, eletrônicas e demais. Enfim, sendo correspondente internacional, recebendo em qualquer moeda forte.



Marilise Soares De Zotti - Deseja que a Folha de São Francisco sobreviva depois dos resultados das eleições; deseja que a Rádio Metrópole arrume mais anunciantes para que continue a pagar seu salário em dia e, com uns cinco anos de carreira profissional, uma editoria da VEJA não cairia mal.



Neiva Eliza Gomes Dornelles - Quer ser assessora de Imprensa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de preferência, ou de qualquer Secretaria do Estado. Pretende trabalhar muito e ser remunerada na mesma proporção. Poderá ser encontrada todo o santo dia na Faculdade de Comunicação.



Sérgio Francisco Endler - Já vendeu laranjas, ex-funcionário público, ex-bolsista nos Estados Unidos, ex-revisor, ex-professor de inglês, atualmente é radialista. Gosta de ler e escrever, embora queira mesmo é não fazer nada. Acha que é proibido proibir e, por isso, cursou Comunicação Social.



Sérgio Giacomini - Arrependido, lamenta ter dormido tanto nas aulas do Norberto Etges, esperando as cadeiras práticas. Pior que isto, lamenta ter feito coro em favor destas insólitas cadeiras práticas. No momento sua maior aspiração é conseguir uma boquinha de revisor e ganhar muito dinheiro.

ALIMENTOS: FRAUDE SOLTA, PERIGO À VISTA

ARLENE AGUIRRE SUPERTI

A cada dia que passa, a população das grandes cidades brasileiras está perdendo o controle da qualidade dos alimentos que consome.

As condições de produção, industrialização e comercialização atingiram tal grau de complexidade que é praticamente impossível, para o consumidor, saber se os gêneros alimentícios não trarão prejuízos à sua saúde.

Caberia, então ao Estado efetuar a fiscalização dos alimentos produzidos, transformados e comercializados, mas a falta de infra-estrutura impede que os órgãos governamentais sejam eficientes nesse controle.

Pode-se confiar na honestidade daqueles que estão envolvidos no processo que vai da produção ao comércio, mesmo sabendo que a fraude corre solta?

Atualmente ninguém pode garantir que os alimentos consumidos pelos porto-alegrenses estejam isentos de qualquer tipo de contaminação. Apesar de não haver registro de muitos casos de intoxicações alimentares, a qualidade dos gêneros alimentícios comercializados na cidade não pode ser assegurada. Não é difícil chegar a essas conclusões: é só fazer um levantamento do controle de qualidade realizado no setor de alimentação.

Na verdade, os alimentos passam por vários processos desde a sua produção até chegarem à mesa dos consumidores. Durante esse caminho, são várias as possibilidades de contaminação.

Os pesticidas usados para combater as pragas das lavouras, utilizados em excesso e indiscriminadamente, contaminam os produtos agrícolas com substâncias tóxicas nocivas à saúde do

homem. Em muitos casos, os resíduos permanecem nos alimentos mesmo após os processos de beneficiamento e industrialização.

Para o agrônomo da EMATER, Marcos Pereira, o consumo de pesticidas vem diminuindo nos últimos anos. Segundo ele, isso é resultado da difusão do controle integrado de pragas, do alto custo dos defensivos químicos e da implantação do receituário agrônomo na assistência técnica. Na sua opinião, a produção em larga escala é que mais prejudica a qualidade dos alimentos.

NÍVEL DOS RESÍDUOS

Os agrotóxicos vêm sendo usados há muito tempo no Rio Grande do Sul, mas somente agora é que seus resíduos nos alimentos estão sendo avaliados.



Na produção de hortigranjeiros o que mais importa é o tamanho, não o "conteúdo"...

creditam que a única maneira eficaz de proteger a saúde do consumidor seria a implantação imediata de uma rigorosa legislação sobre os padrões de qualidade dos alimentos em geral.

Para o presidente da Associação de Proteção ao Consumidor, Renato Mottola, para não sermos contaminados, a única saída seria não comermos. A fiscalização esporádica por que passam os alimentos consumidos não é suficiente, afirmou ele, porque "os consumidores continuam adquirindo artigos e gêneros de má qualidade". Ainda não se faz pesquisa básica no Brasil, disse Mottola, além de acusar o desentrosamento existente entre os órgãos estaduais e os federais de fiscalização.

Na opinião de Mottola, continuamos adquirindo produtos fraudados, o leite nunca apresentou qualidade boa, os sorvetes abusam de aditivos prejudiciais e o café é cada dia mais misturado com serragem, cevada e caramelo. Apesar de existirem 17 órgãos no Brasil responsáveis pela qualidade, quantidade e preço dos alimentos, ainda há necessidade do próprio consumidor participar do controle. Isso comprova que o funcionamento destes órgãos deixa muito a desejar.

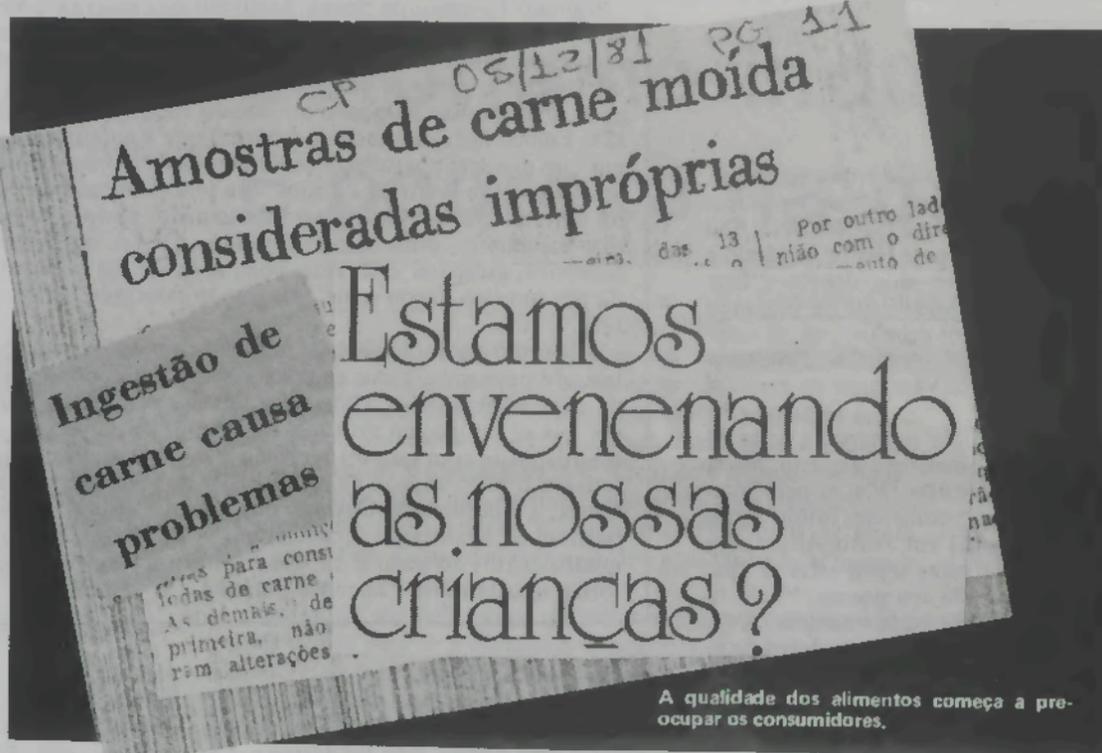
HORTIFRUTIGRANJEIROS

Carlos Roberto Fosqueira, no Ministério da Agricultura, comunicou que em breve vai ser possível implantar o controle da área vegetal, nos mesmos moldes da área animal.

Segundo estatísticas da CEASA, o volume de hortifrutigranjeiros comercializados em Porto Alegre alcança 1.150 toneladas por dia. Os produtos são selecionados pelo próprio comprador e não passam por um exame de qualidade mais apurado. Segundo o agrônomo Marcos Pereira, haveria possibilidade de fiscalizar todo dia os produtos comercializados, a exemplo da CEAGESP (Companhia de Entrepósito e Armazéns Gerais de São Paulo).

Talvez os produtos hortigranjeiros possuam maior número de falhas na fiscalização por não passarem pelos processos de industrialização. Ou então por que, na sua maioria, vêm de fora, onde supõe-se que foram controlados, como informaram alguns técnicos.

Marcos Pereira acredita que a culpa dos produtos hortifrutigranjeiros possuem resíduos de adubos e venenos é tanto do produtor quanto do consumidor. O mercado exige produtos grandes e impecáveis. Só resta ao produtor aplicar produtos químicos para produzi-los.



A qualidade dos alimentos começa a preocupar os consumidores.

A CIENTEC, órgão de pesquisa ligado ao Ministério do Planejamento, tem desenvolvido alguns projetos para determinar a qualidade de resíduos tóxicos existente nos produtos agrícolas produzidos no Estado.

Como a CIENTEC não possui ação fiscalizadora — capaz de permitir a apreensão de alimentos cujos resíduos ultrapassem o nível de tolerância —, o seu objetivo nos projetos é estabelecer parâmetros de qualidade para as safras futuras. Por isso os resultados obtidos são encaminhados aos órgãos responsáveis pelo controle da qualidade dos alimentos para que as providências sejam tomadas.

Até agora foram analisados os resíduos de defensivos agrícolas em arroz (DEF-), em trigo (iniciado na safra de 1977) e em soja (iniciado na safra de 1978). Somente neste ano é que foi aprovado o financiamento para o Projeto DEF-Global, que visa determinar os níveis de resíduos de frutas, hortaliças, arroz, trigo, soja e grãos importados, consumidos ou industrializados no Estado.

O diretor técnico da delegacia estadual do Ministério da Agricultura, Carlos Roberto Fosqueira, declarou recentemente que a dificuldade maior para controlar a qualidade dos alimentos está na falta de amparo legal. Segundo Fosqueira, "o setor de produção animal ainda é o mais fiscalizado do que o vegetal".

A carne é controlada desde os matadouros até a saída dos frigoríficos e o leite é fiscalizado desde que chega na usina até ser carregado nos caminhões que os transportam aos postos de venda. Esse controle obedece às exigências do mercado externo que não aceita produtos de média qualidade.

INDUSTRIALIZAÇÃO

As indústrias de alimentos caracterizadas como exportadoras, tanto a nível estadual quanto internacional, são fiscalizadas pelo Ministério da Agricultura, através do Serviço de Inspeção Federal. Por ser um órgão federal, o Ministério pode contar com inúmeros recursos para o controle da qualidade dos produtos.

Além dos laboratórios próprios para análises, há um convênio com laboratórios de outros órgãos federais e pode ainda solicitar ao governo novos convênios, mandar as análises para serem feitas em outros estados ou no exterior.

A fiscalização dos produtos de origem animal não industrializados, das indústrias de pequeno porte, do transporte e do comércio de alimentos é atribuição da Secretaria da Saúde. Segundo o seu titular, Germano Bonow, apesar do controle dos alimentos ser um item importante no setor de Saúde Pública, é difícil estabelecer prioridades dentro de poucos recursos humanos, financeiros e materiais.

FISCALIZAÇÃO

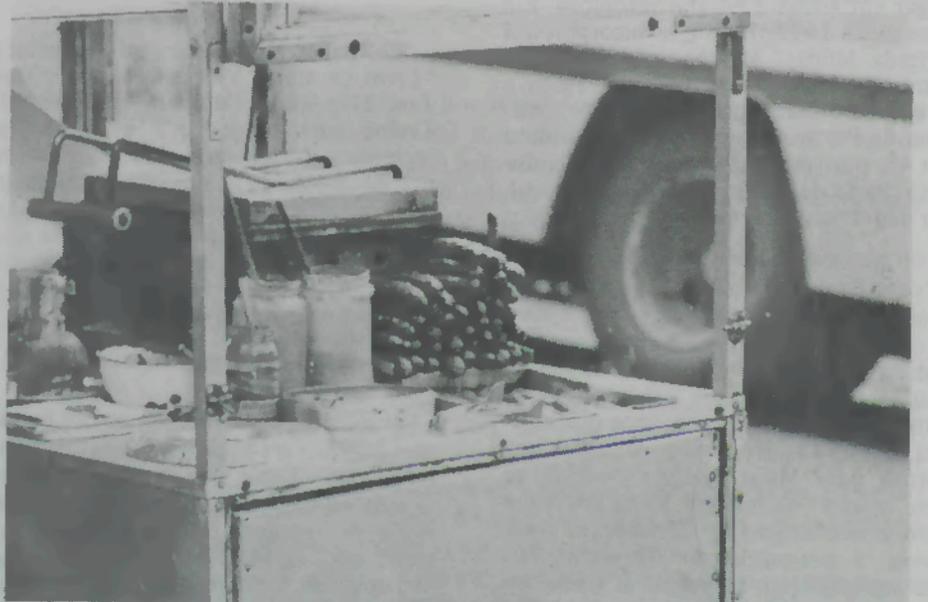
O Serviço de Controle de Alimentos da Secretaria da Saúde segue uma programação para a coleta de amostras em produtos de maior consumo por estação, dando maior ênfase às áreas de maior concentração de estabelecimentos. Todos os produtos industrializados são fiscalizados. Mas como é feita essa fiscalização?

Segundo o diretor de bromatologia do Instituto Adolfo Lutz, de São Paulo, 80 por cento dos alimentos são produzidos no Brasil de maneira artesanal em pequenas fábricas. Para Waldomiro Pregolato, essa pulverização das indústrias é a principal razão para a falta de controle da qualidade dos alimentos oferecidos à população. Ele acredita que a situação permanecerá inalterada enquanto for mantida a atual estrutura de produção de alimentos. Para controlar toda essa produção, seria necessário um exército de fiscais. A Secretaria da Saúde possui 30 fiscais e 15 técnicos na sua equipe de Serviço de Controle dos Alimentos para fiscalizar os sete mil estabelecimentos registrados que vendem ou manipulam alimentos, inclusive vendedores ambulantes afirmou Júlio Vargas Neto, dirigente substituto do Serviço de Controle dos Alimentos. As análises são feitas pelo Instituto de Pesquisas Biológicas, onde também são analisadas as amostras de produtos a serem registrados no DINAL — exigência básica para a permissão de comercializar um produto industrializado.

REGISTRO

Para obter licença de comercialização, o fabricante tem que fornecer uma amostra da primeira fase da produção que ele quer vender. Se a amostra estiver dentro do padrão permitido, o produto obtém um registro válido por dez anos. Durante todo este tempo, solicita-se ao fabricante que comunique, através de processo, as alterações que fizer na fórmula do produto. Para que não ocorressem alterações à vontade, seria preciso que os fabricantes fossem anjos...

Diante da impossibilidade de fazer a coleta e análise de amostras de todos os gêneros e produtos alimentícios consumidos pela população, os técnicos responsáveis por sua fiscalização a-



A contaminação pode acontecer durante qualquer parte do processo que vai da produção à comercialização.



Heitor e Maria

SÉRGIO FRANCISCO ENDLER

I

Flor-da-pedra. Alecrim. Erva-de-bugre. Barbatana. Guiné. Arnica do Campo. Pata-de-vaca. Cidrô. Carqueja. Erva-Cidreira. Urtiga. Heitor conhece mais de 57 qualidades diferentes de plantas medicinais.

De manhã cedo, Heitor pega seu café e parte. Mete-se no mato, sobe morro, vai longe. Sempre em busca de ervas e plantas. Amanhã, Heitor leva 30 molhos de ervas para a banca 45 no Mercado. Vende-as por 5 cruzeiros o molho. E não tem lucro. Ou melhor, não ganha dinheiro.

II

Maria não nasceu no Brasil. Casou muito jovem e muito jovem se viu sozinha. De andança em andança, aprendeu a dizer rezas, a fazer pão e poesia. A moça que aos 15 anos saiu de Salto, no Uruguai, para casar, não está morta em Maria. Aos 64 anos, Maria dança até cansar. Dança sozinha. Recebe, com graça, suas visitas. E faz todo o serviço da casa (três peças pequenas).

III

Heitor não sabe dançar. Heitor não sabe ler. Heitor é burrinho, como diz Dona Maria. Na verdade, a sabedoria de Heitor não vem dos livros. É isto o que Maria quer dizer. Heitor foi soldado. Homem de pegar em armas e encarar revolução. Em janeiro de 1922, Heitor se incorporou à Brigada Militar. Menino, pés descalços, camisolão e chapéu de palha na cabeça, a Brigada recebia como soldado aquele menino de Porto Alegre. Heitor se reformou em 45, por tempo de serviço, não por doença, gosta de frisar. Depois, decidiu cuidar das ervas do campo.

IV

Maria Adelina Flores. Este o nome da destinatária. "Irmãzinha, papai morreu na última quinta". A última carta que recebeu, em 1942, não trouxe nenhuma boa notícia para Maria Adelina. Notícia de nove mortes — conta ela. Maria relata sua história com resignação. Sente-se, de certa forma, a personificação da resistência. (Dá um profundo suspiro). E conta do tempo em que era presidente do Salão Aurora, na Floresta. Salão familiar, diz.

V

A senhora fala mais do que papagaio, Dona Maria. Heitor diz a frase e se sacode, feliz. "Sou moleque, patrãozinho. Sou um moleque" — repete Heitor, sorrindo e mostrando a falha nos dentes. "Este branco aqui é da geada", diz ele passando a mão sobre os ralos cabelos.

VI

Quando jovem, Maria chegou a pesar 94 quilos. Depois, casamento desfeito, Maria enfrentou dificuldades. Viajou pelo Interior, trabalhou no comércio, lutou. Virou mundo até chegar em Porto Alegre, em 47, para ficar. Talvez sejam estas as "bala" de que fala em seu poema: "Vejo tiro, vejo bala/ Vejo espada relampiar/ Vejo crimes ao meu lado/ Mas não deixo de te amar..." Hoje, passada a enchente, Maria faz e mostra seus poemas. E diz, com ar desconfiado: que bobagens. Grave e séria ela fica quando lembra o marido.

VII

"Caía cada capucho assim. Geada pura e brava. De 22 de janeiro de 22 até 1945, fiz todas revolução. Servi no Grupo das Metralhadoras, que depois virou o 5º Batalhão. Em 32, em São Paulo, meti o fuzil no rabo do capitão Adarvão e do tenente Rápido. Já estão tudo lá em cima os dois. Eu tava levando bala ali na cara e eles escudido atrás do cupim. Na época, era soldado".

VIII

"Em Porto Alegre, comecei a escrever o 'Livro da Minha Vida'. O fiz em versos. Tem 21 páginas. Não o fiz para negócio. Tenho uma amiga, que é do serviço secreto, sentou-se af e ficou. Só lia jornal, só lia. Af pedi pra que me contasse uma história interessante, bonita. Viajas pelo mundo, lês jornal, mas nada contas. (pausa). Como? Meu endereço? Batista Xavier, 577. Sim. Que belo número para se comprar um bilhete: 77".

IX

Em 32, fui promovido por ato de bravura. Cheguei a ser sargento. Depois, eles me rebaixaram. Cumé que eu ia ser sargento se não sabia ler? Fui cabo por 6 anos. E assim me aposentei. O dinheirinho dá pra viver, sim. As plantas não é pra mim ganhá dinheiro, patrãozinho. É só pra eu me adiverti. Namorá? Mas claro, patrão, Eu sou um guri".

Nove anos depois, o 73 já não é mais um

SÉRGIO GIACOMINI

Em setembro de 1973, o Chile monopolizou os noticiários do mundo, mas não tinha por que se orgulhar. Não era apenas mais um golpe militar, tão comum na América Latina, mas um acontecimento que se caracterizaria pela violência, afinal, até hoje não se sabe quantas pessoas morreram na guerra, declarada pelos generais contra a população chilena.

Em setembro de 1982, o golpe que derrubou o governo socialista de Salvador Allende volta a ser motivo de discussão, agora motivada por um filme. "Desaparecido, um Grande Mistério", dirigido pelo cineasta grego Costa-Gravas (que já produziu outros filmes do gênero) resgata o tema com energia, obrigando as pessoas a repensá-lo livremente, isto é, sem o tradicional corte das comunicações e a meticulosa censura imposta pelos militares.

PROCESSO

O filme, entre outras coisas, traz à tona um delicado aspecto do Setembro Chileno ao acusar abertamente os Estados Unidos de terem tomado parte ativa no golpe. A rigor, o que o cineasta fez foi apenas explicitar o que todos já sabiam. Mesmo assim, está respondendo a um processo movido pelo Governo americano.

Segundo Ubiratan de Souza, brasileiro que estava em Santiago na época, qualquer pessoa que tenha vivido o golpe carregará para sempre os fantasmas da violência. "Quando lembro à-queles dias, a primeira imagem que me vem à cabeça são as águas sujas do Rio Mopochico arrastando cadáveres", diz Ubiratan. Emocionado, ele recorda o dia em que a população da vila em que morava, nos subúrbios de Santiago, retirou do rio um amigo seu, brasileiro de 22 anos, que fora arrancado de dentro da universidade e levado a um descampado, junto com outros oito estudantes, onde seriam fuzilados. Destes, apenas um, o brasileiro, escaparia com vida, pois, após ter sua perna atingida por um tiro, jogou-se na água, sendo carregado pela correnteza.

Destituído da nacionalidade brasileira em 1970, quando foi trocado pelo embaixador americano seqüestrado por um grupo de esquerda brasileiro, Ubiratan é um dos milhares de brasileiros que se refugiaram no Chile de Allende. Ele não esquece a hospitalidade com que foi recebido e o entusiasmo que caracterizava o povo chileno da época. "Mas eu sentia no ar a impotência, a inocência do Governo obedecendo a Constituição enquanto os americanos financiavam, com dólares, greves nos quatro cantos do país. E eu tinha certeza que a situação ia se tornar insustentável", lamenta Ubiratan.

X

"Eu (que benzo e não cobro), um dia perdi o olho direito. Não foi derrame. Foi a pressão que subiu, me disse o médico da PUC. Fiquei com a mente cansada. Fiquei triste quando não pude ver meu gatinho preto. Depois, melhorei desta vista, a esquerda. Para mim, nada é preguiça. (Oferece e serve café). Quando estou com vontade, fecho toda a casa. Ligo o rádio e danço, até cansar. Danço com a vassoura".

XI

"Jurei à bandeira, assim, braço estendido. Perde o amor de pai e mãe. Perco amor de pai e mãe, respondi. Jura à bandeira? Juro à bandeira. Naquela época era dureza. O sentinela era fixo, como pedra. Uma noite, deu estouro da manda. Deitei numa valeta. Os cavalo e égua passavam por cima de mim, fungando. Não atirei um tiro, patrão. Fui elogiado por isso. Não se levanta um batalhão por uma vaca. Tudo isso eu fiz. E tô aqui. Não me recuei de revolução".

XII

Morei 18 anos na casa ali abaixo. Este senhor (aponta para Heitor), mora aqui há 13 anos. Assim, nos conhecemos. Não, não tenho nada com ele. Somos amigos. Um dia destes, comecei a puxar por ele, pelos lugares que andou, paradeiro. E fiz a história dele escrita. Escuta, este é da "História da Minha Vida": "Gostaria de viajar/ Em imaginação, desejo ver o mar/ E as novas terras/ Embora saiba que na realidade/ Nunca verei o mundo".

XIII

"Sou muito franco. Pra putiar, não ando com volta. Sou desbocado. Putiava meus comandantes. Cadeia? Sim. Uma vez, um outro cabo me injuriô. Tava dando serviço na Colônia Penal. Lá, arranjei uns três pelegão de ovelha. Um outro cabo quis um. Não dei. Ele foi logo inventá história pro oficial. Alemão ruim. Ele foi dizê que eu tinha comido uma cadeia em via pública. Levei cadeia: nove dias. Mas não comi nada da comida e café que me davam".

XIV

Maria diz que sofreu muito. Cinco mordidas de cão, duas de macaco, cinco picadas de aranha, intervenção cirúrgica no apêndice, fígado e vesícula. Maria que perdeu a visão do olho direito. Maria, também, é a mulher que diz ser o amor como a chuva batendo no telhado. Maria que encontrou Heitor e o fez seu companheiro de viagem neste planeta. Maria que faz comida, varre a casa, lava. Maria diz: "Escrevo palavras calmas e simples.../ Essenciais como a água/ Portanto a humanidade inteira/ Um grande abraço de indizível amor".

XV

Heitor — que é muito franco, que jamais fugiu de revolução, hoje adora passear pela Chácara das Pedras para colher ervas. Morro Santana, Belém Velho, Lomba do Pinheiro, Heitor conhece cada canto. O Morro da Polícia ele agora não sobe até o topo. Mas, vai bem até a metade, com a ajuda de uma bengala que ele mesmo fez.

Na verdade, muitos Allende. Se não ativamos pela indiferença Costa-Gravas tem a a-tamente o envolvimento Conforme Ubiratan, o uma vez que, mesmo das pelos soldados ch-mericanos".

À noite, recorda Ubiratan com rajadas de m que, de hora em hora medo. Pela manhã as exortando a populaçã-sáveis pela disseminaç- Ubiratan, "ser estrang- manha de Hitler. Até poiavam o golpe, tiver tempo para esclarecim

Diante desta situaçã- a ser decisiva na vida- elas se omitiram, ou se- sileira, segundo revel- quanto o próprio exé- se abrigo na sua emb- ser apanhado, princip- motivos políticos", de-

INSEGURANÇA DO

A insegurança dos b- militar e da própria e- mais na medida que- policiais do Brasil trab- Nacional, transformad- de tanta violência, pos- Um Grande Mistério", da primavera chilena d- conclui Ubiratan de S- deputado estadual Carl-

o Chile de um mistério

e, muitos países tiveram participação na queda de não ativamente, como os Estados Unidos, ao me- diferença e omissão. Se isso é certo, o filme de tem a qualidade, entre outras, de denunciar aber- venvolvimento estrangeiro com os militares rebeldes. biratan, o povo tinha consciência desta realidade, mesmo diante das maiores barbaridades cometi- dades chilenos, "o seu ódio endereçava-se aos a-

corda Ubiratan, os golpistas intimidavam a popula- ção de metralhadoras disparadas de helicópteros, a em hora, sobrevoavam as cidades, espalhando o manhã as ruas amanheciam cobertas de panfletos, população a denunciar os estrangeiros, "respon- disseminação do comunismo no país". Conforme er estrangeiro no Chile era como ser judeu na Ale- titler. Até mesmo os estrangeiros de direita, que a- olpe, tiveram de se esconder, pois podia não haver esclarecimentos".

ta situação, a intervenção das embaixadas passava a vida de muitas pessoas, mas, como no filme, ram, ou se aliaram aos militares. A embaixada bra- ndo revela Ubiratan, representava tanto perigo próprio exército chileno. "O brasileiro que procura- sua embaixada teria dado o primeiro passo para o, principalmente se fosse exilado ou banido por ticos", denuncia ele.

ANÇA DO BRASILEIRO

ança dos brasileiros no Chile, além da perseguição própria embaixada brasileira, acentuava-se ainda lida que tomavam conhecimento da presença de Brasil trabalhando ao lado dos militares no Estádio transformado em campo de concentração. "Diante aência, posso assegurar que o filme "Desaparecido, Mistério", funciona como um exato documentário chilena de 1973, ao qual todos deveriam assistir", atan de Souza que hoje é assessor de seu irmão, o atual Carlos Augusto de Souza.

ando a meus vez, um o servi- uns três o quis história izé que a públi- o comi m".

o mor- nco pi- gica no ia que Maria, o amor Maria compa- ria que ria diz: .../ Es- umani- indizi-

jamais ar pe- ervas. ba do to. O e até o m a a- no fez.

Heitor ainda fuma, mas não bebe mais. Seu maior prazer, agora, é descobrir novos remédios — para os outros. Faz isto há mais de 10 anos. Ontem à noite, Heitor estava feliz com meia dúzia de pés de couve que plantou em sua pequena horta. As lesmas comem, lentas, as folhas de couve que Heitor plantou, mas ele não liga pra isso, está feliz.

XVI

A noite do subúrbio é bastante calma, 21 horas: Partenon. Heitor está sentado na poltrona preta próximo à porta. O rádio está ligado. Dona Maria dança e não sabe que, em breve, sua tranqüila residência será invadida por um entrevistador. A sala, toda pintada em azul, tem um crucifixo pregado à parede, bem em frente à porta. Abaixo, está um quadro: a Sagrada Família. Presa ao quadro, uma bandeirinha do Brasil, de papel. A sala tem cortinas brancas, absolutamente limpas. Um pequeno espelho, com moldura de vime, pregado à parede da porta de entrada lembra o verão. Nota-se, a um canto, um bonito vaso verde, com plumas coloridas. No chão, há tapetes de pano trançado. Um pequeno relógio-despertador preto marca o compasso do tempo.

Heitor deve estar pensando que o aluguel do mês está pago. E que a comida para a semana está à espera que Maria a cozinhe. Maria avisa que ferve água e que apronta um café.

Assim, encontro Heitor e Maria: duas pessoas independentes, duas criaturas de Deus neste mundo dos homens; dois amigos; duas vidas sem parentes vivos ou presentes; dois indivíduos que se uniram para enfrentar a solidão; dois seres humanos donos da maior dignidade, vivos e participantes. Heitor: há 74 anos. Maria: há 64.



Euforia na indústria do vinho. E pobreza na casa do colono

CARLOS ALBERTO WAGNER

Diz o ditado popular: "Casa de ferreiro, espeto de pau". Pois esta fala da sabedoria do povo entra como uma luva na atual situação dos mais de dois mil colonos que estão envolvidos com a produção de uvas no Rio Grande do Sul, submetidos a um acelerado processo de pauperização. Um exemplo é o crescente número de vitivinicultores que, mesmo sendo donos de parreirais, estão trabalhando como operários nas indústrias de móveis de Bento Gonçalves. Esta é uma das maneiras de engordar os seus míngua- dos ganhos.

Mas, se de um lado existe um colono que está caminhando a passos firmes para se proletarizar — inclusive a taxa de suicídios, abandono de lar e, principalmente, desequilíbrio emocional cresce de forma assustadora na região de Bento Gonçalves que, por ironia, é considerada a Capital do Vinho Brasileiro — por outro lado os cantineiros, constituídos de empresas multinacionais, nacionais, estatais e cooperativas, não tem nada a reclamar da situação, porque a produção brasileira de vinhos, que há dez anos era de 180 milhões de litros hoje está em 300 milhões. Destes, 50 milhões de litros são oferecidos em garrafas de vinhos finos de todos os matizes e o restante é industrializado em vermouths, vinagres e marcas de garrações.

Este quadro de números generosos, para o lado dos cantineiros, foi o responsável por grandes investimentos na divulgação de novas marcas de vinhos gaúchos nos mercados nacionais e internacional. Pelas contas dos especialistas em comercialização de vinhos nestes últimos cinco anos o setor, seguramente, gastou cerca de oito centenas de bilhões de cruzeiros na veiculação de publicidade de vinhos e seus derivados, tanto a nível nacional como internacional.

Quem paga a conta?

Evidentemente que os bons desempenhos econômicos que o setor de vinhos está tendo, nos dois últimos anos, principalmente, está saindo do lombo de alguém. Para poder mostrar os números lustrosos que provam a competência dos administradores do setor, os cantineiros continuam, como no início deste século, usando tudo que é expediente para lograr o colono na hora de entrega da sua produção.

Este ano, por exemplo, os colonos foram submetidos a longas esperas nas filas de um sol que andava ao redor dos 30 graus. Isto altera o grau de álcool da uva e diminui sempre os ganhos do produtor.

Mais um: o prazo para ser pago o colono geralmente se estende a mais de seis meses. E, quando recebe, o agricultor não ganha juros e nem correção monetária sobre o seu dinheiro. Inclusive nesta safra o Banco do Brasil de Bento Gonçalves foi tentado com uma proposta dos cantineiros, que era a seguinte, como explicou um funcionário da agência:

— O cantineiro que, por exemplo, recebia de um colono 300 quilos de uvas, dava para este assinar uma nota declarando que havia entregue somente 150 quilos e o Banco pagava para o produ-

tor estes 150 quilos. A outra metade o cantineiro pagaria para o colono quando desse.

Área de uva se mantém

Pois é, e quem não anda gostando nem um pouquinho deste jogo todo que estão fazendo com o colono é o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bento Gonçalves, Mario Gabardo, que vê nessas transações todas uma grande dose de irresponsabilidade governamental, pois só se adotam medidas paliativas para o setor, como botar uma "gurizada" a fiscalizar a entrega da uva. Mas, seguramente, para Gabardo, não é o principal problema do setor, citando preço justo para a uva e pagamentos dentro dos prazos.

Gabardo lembra que a atual situação econômica do colono, dono de parreirais, é no mínimo considerada crítica porque ele está espremido. De um lado tem as empresas que fornecem os insumos, que "dançam e brincam em cima dos preços". Do outro lado há o cantineiro que também tem um grande poder de barganha na mão e faz gato e sapato para pagar o produtor. "Esta é a situação de quem é proprietário. Agora imagine em que situação estão as centenas de meeiros, parceiros e assalariados que temos aqui na área rural", alertou o presidente do Sindicato.

Mas apesar de todo este quadro, a área de uva, segundo a Emater/RS, não diminuiu nestas duas últimas colheitas. Em 81 foram plantados 38 mil hectares que deram 415.585 toneladas de produção. No ano seguinte a área permaneceu a mesma, porém a produção foi levemente superior, cerca de 429.882 toneladas.

Não tem safra

Para a pessoa menos avisada até parece que plantador de uva no Rio Grande do Sul gosta de sofrer. Mas não se trata de ato de autoflagelação. Mutio pelo contrário, como explica Gabardo:

— Acontece que o colono da uva não tem outras opções que lhe possa trazer um ganho seguro.

Segundo Gabardo, é preciso olhar a situação dos colonos no Rio Grande do Sul como um todo, onde não existe compensação financeira em praticar nem um tipto de planta porque a política básica do Governo Federal é ter alimentos a baixos custos. E isto também é válido para a uva.

E dizer que o colono ganha um dinheiro firme se industrializar os seus produtos, através de cooperativas... Segundo Gabardo, pode ser verdade num primeiro instante, mas no final das contas as coisas não mudam muito porque a participação do agricultor nos lucros e, principalmente, na valorização do seu capital nas cooperativas é atualmente uma grande utopia.

— A solução — afirma Gabardo — para os nossos problemas está, no meu ver, em uma maior mobilização dos colonos ao redor dos seus interesses. Precisamos deixar de ser empurrados e começar a empurrar.



A EXPLOSAÇÃO DAS FMs EM PORTO ALEGRE

ANANDA LIMA LAIRIHOY

Quando você sintoniza sua Frequência Modulada preferida, talvez não saiba que Porto Alegre é a cidade brasileira com o maior número de estações em FM por habitante. São oito emissoras para um milhão de pessoas que concorrem para formar um quadro bastante significativo: 90% dos gaúchos têm receptores em Amplitude Modulada, muitos deles com FM. Aproveitando-se deste imenso mercado, estas emissoras estão em franco desenvolvimento no Rio Grande do Sul.

A proporção é a maior do Brasil, mas ainda é possível dividir as oito emissoras em grupos de quatro para explicar melhor suas linhas de programação e seu público. No primeiro grupo, disputando alternadamente o primeiro lugar no IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Pesquisa) e o maior faturamento, estão as rádios Cidade, Atlântida e Universal. A Cidade foi a primeira emissora a fazer FM ao vivo no Sul. Sua programação vem da matriz carioca, feita à imagem e semelhança das rádios americanas. Evidentemente, faz-se uma concessão ao "swing" brasileiro. Este é o tipo de rádio de alta solicitação. Ela pede toda a atenção do ouvinte, conversa com ele, pergunta, chama, promove, informa, conta, não permite a quem lhe escuta uma atividade paralela. Conversar com alguém ao mesmo tempo em que se ouve qualquer uma delas, em especial Atlântida e Cidade, é uma tarefa quase impossível.

Estas emissoras são fabricadas exatamente para aquelas pessoas que não gostam de estar sozinhas. Sob este aspecto são ótimas companheiras porque cumprem a função de distrair. Com a maior parte de suas programações ao vivo, elas estão sempre em evidência promovendo shows, fazendo entrevistas, cheias de ingressos, brindes e muita veiculação comercial.

UM BOM FATURAMENTO

Atlântida, Cidade e Universal são as FMs que cobram mais caro por um anúncio. A média em abril era de Cr\$ 1.600,00 a Cr\$ 1.800,00 por 30 segundos de publicidade. Deduz-se daí que a média de faturamento neste período tenha sido de Cr\$ 7 milhões a Cr\$ 9 milhões, muito embora comercial em FM seja mais barato devido ao seu curto alcance, que se limita à linha do horizonte em relação ao sinal gerado pela torre.

FM agora é moda porque, em sua concepção atual, trata-se de uma AM com som melhorado, às vezes em estéreo. Não faltam notícias, reportagens, programas específicos, comunicadores com nomes conhecidos, transmissões ao vivo, etc.

Ainda sobre este primeiro grupo, há que se destacar uma certa diferença da linha de programação da Cidade e da Atlântida em relação à da Universal. As duas primeiras orientam-se principalmente pela revista norte-americana *Billboard*. A chamada "Bíblia do disco" é, na verdade, um indicador das músicas mais consumidas nos Estados Unidos, ainda que não sejam as de melhor qualidade.

A rádio Universal é de uma orientação mais romântica, que pensa principalmente na dona-de-casa. Seus locutores têm uma tradição formal na maneira de falar, que não se desfez na tentativa atual de atrair o público jovem da Cidade e da Atlântida. No entanto, a Cidade fala demais, a Atlântida um pouco menos.

Para encerrar, a notícia é outro fator de dinamismo no espírito destas FMs. Graças ao respaldo da Rede Brasil Sul de Comunicações, da Rede Rio-Grandense de Emissoras e da Jornal do Brasil, elas dispõem de teletipo, jornais, televisão,

emissoras em AM com setor de reportagem e outras regalias.

Quanto ao segundo grupo, composto unicamente pela FM Bandeirantes, as características são bastante próprias. Para ele há um público específico, mais exigente e predominantemente masculino (54%). São jovens universitários que estão dispostos a ouvir rock, jazz, samba, chorinho, latinidades e até música local. Se o Ministério das Comunicações estabelece uma porcentagem mínima de 60% para a programação de música brasileira, a FM Bandeirantes vai de 75%, sendo que 25% são músicas locais (urbanas e folclóricas). Os programas específicos são fundamentados na informação cultural (cinema, teatro, história do rock, tradição gaúcha, esporte), os apresentadores (alguns) têm nome. A notícia é comunicada pelos próprios redatores, o que lhes dá propriedade sobre o que lêem, muito embora não tenham qualquer preparo para isso. As fontes não são abundantes como as do primeiro grupo mas o cuidado no preparo da notícia torna o texto atraente, sério e informal.

JÚLIO IGLESIAS E AMADO BATISTA

O terceiro grupo é integrado pelas FMs vulgarmente chamadas de "povão". Tocam de tudo, veiculam qualquer produto. Repetidas vezes estas emissoras têm um sabor de AM do tipo Caçara. São rádios que ainda não encontraram seu público definitivo e que se dividem entre o último sucesso, a música antiga mais badalada, a última de Júlio Iglesias e as canções de Amado Batista. Suas notícias vêm pelo malote de emissoras irmãs ou dos comunicados dos órgãos oficiais do governo. O preço dos comerciais são baixíssimos, três a cinco vezes menor que o preço das emissoras do primeiro grupo. Seus locutores são bastante heterogêneos e todos sustentam que veiculam uma programação "classe A" tão somente porque seu público ouve Frank Pourcel.

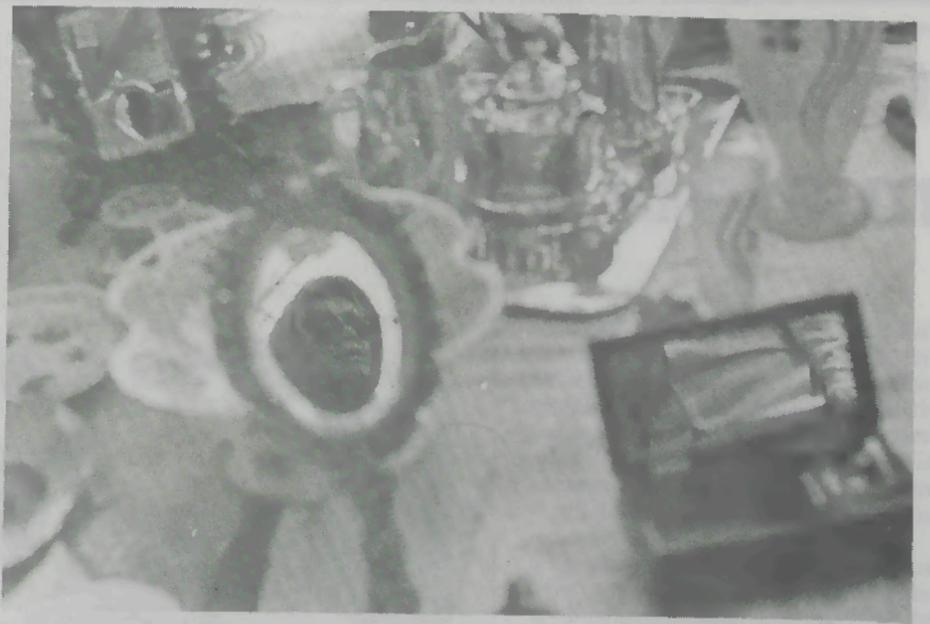
EM BUSCA DE DEFINIÇÃO

As três integrantes deste terceiro grupo têm ainda características específicas. A Difusora é uma rádio que se diferencia de todas as outras sete por veicular exclusivamente música brasileira. A Capital FM já tenta, com sucesso, conquistar um público jovem e de bom gosto, ainda que seus locutores não acompanhem o espírito da programação. A Metrópole é a menos cuidada, apresentando uma "salada de frutas musical" para um público menos exigente.

SOBRIEDADE

O quarto e último grupo é também representado por uma única emissora, a Guaíba. É a rádio dos homens mais velhos, mais circunspectos e sisudos. A locução é formalíssima, a programação limitada ao romântico e ao antigo. É a única rádio do Brasil que não aceita "jingles" em suas veiculações comerciais. Mas a chancela do nome Guaíba, já com tradição devido à emissora AM, faz desta FM a mais sóbria na sua forma de apresentação.

As oito FMs de Porto Alegre formam quatro grupos para todos os gostos e com rivalidades claras entre si. É um mercado em ascensão, cada vez mais presente no dia-a-dia das pessoas na medida em que elas formam a sua preferência musical e de comunicação. Afinal, já se forma uma nova corrente: ouvir o horário de Júlio Fürst ou o de Clóvis Dias Costa está ficando mais determinante que ouvir a Atlântida ou a Universal.



Mercado das pulgas, a Redenção de San Telmo

EDUARDO TAVARES

Com vestido de tafetá lilás, quase até o chão, chapeuzinho com flores artificiais coloridas, véu preto escondendo os olhos, a frágil figura feminina, que parece ter saído de um álbum de fotografias do início do século, caminha pelo parque ensolarado no centro de Porto Alegre. Com passos miúdos, pára em uma rua, em frente ao lendário Colégio Militar, caminha até o seu final e encontra-se com amigos. A cena parece incomum, mas não é estranha aos porto-alegrenses que se acostumaram a todos os domingos visitarem o Brique do Parque da Redenção, o primeiro mercado das pulgas do País.

A figurinha de lilás é Mercedes del Campo, uma argentina que abandonou seu país depois que as dificuldades econômicas foram agravadas com o conflito das Malvinas. Como outras amigas, ela expunha peças de antiguidade (pratarias inglesas, porcelanas chinesas, jóias do século passado, arte sacra espanhola) na famosa feira de San Telmo, na parte velha de Buenos Aires. Os tempos ficaram difíceis e algumas das pessoas que participavam da feira, resolveram mudar-se para o Rio Grande do Sul. "Geograficamente, Porto Alegre é a capital brasileira mais próxima de Buenos Aires. Aqui, há bons clientes. Por isso decidi vir para cá".

Nas ensolaradas manhãs de domingos, os porto-alegrenses se multiplicam na rua José Bonifácio, que separa o belo Parque da Redenção do sisudo Colégio Militar.

Nas banquinhas, há de tudo: discos e roupas antigas, selos, moedas, cristais, porcelanas, relógios de bolso, brinquedos, quadros, jóias do século passado, objetos de arte sacra, painéis e tachos de bronze, quinquilharias.

Há fregueses que garantem que conseguem sempre fazer bons negócios. Verdadeiras pechinchas. Outros, no entanto, afirmam que os antiquários cobram mais caro do que as próprias lojas. De qualquer maneira, todos se divertem. Aproveitam para caminhar, tomar sol, encontrar amigos como o colonista social Paulo Raimundo Gasparotto, profundo conhecedor de arte e assíduo frequentador do Brique.

— Há mais de dois anos, sempre que posso, dou uma passada pelo Parque. Às vezes, descubro raridades por bons preços. Mas tenho de procurar muito. Investigar bem para não comprar gato por lebre.

Para o jornalista, assim como para outros clientes tradicionais do mercado das pulgas de Porto Alegre, a vinda dos argentinos só serviu para melhorar o comércio. "Eles trouxeram antiguidades confiáveis de Buenos Aires. Lá, eles não tinham para quem vendê-las. Aqui, conseguem lucros razoáveis e estão sempre obtendo peças novas para exportar".

Mercedes também está feliz. "Assim que juntar uns trocados, retorno ao meu país e volto a trabalhar em San Telmo".



BOM DIA!

LUÍS AUGUSTO C. MESQUITA

O gesto de acordar nem sempre é dos mais gostosos, principalmente se for numa manhã fria, com garoa, a cama estiver bem quentinha e o corpo pedindo para ficar ali mais um pouco.

O barulho estridente do telefone nos faz pular da cama e, meio assustados, meio reclamando dizemos "alô". Do outro lado uma voz simpática identifica a chamada: "Serviço de Despertar. São tal hora e tantos minutos, a temperatura é tal. Qual é o seu nome? Qual é o número do seu telefone? Obrigado. Bom dia".

Menos mal acordar assim!

Pois é. O "Serviço de Despertar" existe desde 1967 na CRT, Companhia Riograndense de Telecomunicações, quando, por inspiração dos antigos técnicos norte-americanos da então Companhia Telefônica Nacional, entrou em operação pelo número 101 (interurbano).

Desde aí veio num crescendo. Das 4.500 chamadas mensais, passou para 60.000 mensais hoje. O número 134 passou a ser utilizado a nível nacional pela Telebrás, como exclusivo desse serviço, em 1980. O Rio Grande do Sul foi o pioneiro no Brasil no despertar telefônico.

Acredito que um grande número de vocês já se tenha utilizado desse despertador mais confiável que o relógio. Seja por cansaço, por preguiça ou mesmo gesto contínuo de silenciar o relógio e virar de lado...

Segundo Carlos Alberto Nascimento, do Departamento de Operações de Tráfego da CRT, o serviço de telefonistas é o cartão de visitas de uma empresa e, na CRT, sua porta de entrada.

Atualmente, são 400 telefonistas trabalhando em turnos de seis e quatro horas, essas às horistas, vinte e quatro horas por dia. Nenhum homem opera telefones para serviços da CRT. Isso hoje é mais uma tradição do que uma norma. Houve época que se fazia seleção das telefonistas pelo timbre de voz; caso fosse canhoto não seria aceita (trabalha-se em mesas, lado a lado, operando pela direita); pela fluência ao falar, etc...

O Serviço de Despertar é utilizado principalmente pela classe média. Tem dois perfodos de pique: o registro (pedido para a telefonista), das 23 às 24 horas e, o completamento para o usuário, das seis às sete horas. De domingo para segunda-feira é quando se efetuam o maior número de registros e complementações.

Nos meses de vestibulares, então, é uma loucura. Passam de 100 mil chamadas de despertar.

São 48 mesas telefônicas que possuem, no total, 10 troncos de entrada para o 134. Cada tronco recebe uma chamada mas, utilizam-se 100 troncos de saída simultânea.

Por exemplo, 20 moças recebem 20 bilhetes cada uma, num total de 400 "despertar". Uma supervisora entrega os bilhetes, separados por horas, para as telefonistas e confere suas aferições. Há uma tolerância de cinco minutos, a mais ou a menos, para chamar o usuário, sem haver retificação no horário.

Esse horário é baseado na hora certa do Observatório Nacional de Valongo, Rio de Janeiro, sendo a hora certa nacional padronizada pela Telebrás.

Após receber um pedido de registro, existe a confirmação, por parte das telefonistas, do número, do nome da pessoa e do horário pedido.

Ao completar a chamada de "despertar", afora o procedimento de praxe, a iniciativa para papos mais longos parte do usuário. Nas horas de pique, o tempo gasto em cada chamada é muito importante. Outras pessoas precisam ser despertadas.

Todas as 400 telefonistas da CRT trabalham nos diversos serviços mas, para o serviço do 134, há um treinamento para que a fraseologia seja comum a todas.

QUANTO CUSTA

Cada vez que a chamada é completada, o usuário está pagando Cr\$ 35,38 (preço de agosto de 82). Entenda-se por "completada" a confirmação do despertar, o completamento, ou, o simples fato do telefone não estar com defeito.

Isso porque é feita uma única chamada para o despertar. Caso não haja resposta, a telefonista encaminha o número do telefone para a seção de consertos. Estando funcionando o aparelho, é cobrado o despertar.

O cancelamento, assim como o pedido da chamada, pode ser feito até com uma hora de antecedência.

O assessor Carlos Alberto do Nascimento diz que o serviço do 134 não é

rentável para a empresa pois obriga a permanência de um quadro de 40 telefonistas, quando cinco são necessárias, trabalhando em horas ociosas. Das cinco e meia às oito e meia, quando começa o tráfego telefônico comercial. Para ele, levando-se em conta o custo de uma telefonista (salário inicial de Cr\$ 27 mil), seus encargos sociais, o Serviço de Despertar, embora talvez o mais simpático da Companhia, e isso também para as telefonistas que nesse serviço dificilmente ouvem uma reclamação, é o menos lucrativo.

O mais rentável é o Serviço de "hora certa", o 130. Ele funciona por impulsos. Cada impulso vale Cr\$ 8,00 e, sendo acoplado a uma fita magnética contínua, já não representa custo operacional nenhum. Cada impulso dura 18 segundos.

Todavia, das aproximadamente 19.000 chamadas diárias, tráfego de todos os serviços, 50 por cento são do 107, interurbano a cobrar. O 107 possui 80 troncos de entrada.

Para dona Marisa da Silva, uma das supervisoras das telefonistas, embora o 134 seja sinônimo de um despertar matinal, ele funciona nas 24 horas do dia. "Muitas pessoas pedem para serem despertadas no meio da noite para tomarem remédios, às vezes mais de uma vez. Outras nos pedem que os lembremos de compromissos durante o dia. Esse já seria uma espécie de serviço de recados, que estamos implantando no 134."

Está sendo lançado também, o serviço de "séries", mensal, onde o usuário, com uma única chamada, estipula as chamadas do mês inteiro, de segunda à sexta-feira.

"Nós não sabemos que, homem ou mulher, utiliza mais o despertar. Muitas vezes um pede e o outro atende", diz dona Marisa. "Existem, é claro, alguns casos famosos conhecidos aqui na CRT como o da senhora que diariamente só desperta meia-hora depois da primeira chamada. Insistimos sempre, a pedido dela. Ou aquele das pessoas que tiram o telefone do gancho quando chamadas e, não respondem à telefonista, acreditando que assim não pagarão o serviço. Ou ainda, o de um velhinho que conta seus problemas ao telefone, quando é despertado no meio da noite para tomar remédios. Existem outros casos, muitos outros".

Ninguém pode gostar do que não conhece

Música erudita

CLÁUDIA MACIEL

O maestro Alfred Hülsberg foi o primeiro músico estrangeiro que a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre trouxe ao Estado para integrar seu quadro de profissionais. Isso aconteceu em 1954, quatro anos depois da fundação da OSPA, porque não havia no país nenhum bom instrumentista para oboé que pudesse participar da orquestra.

Hülsberg fala devagar, procurando as palavras exatas, com um acento forte sotaque alemão. Afinal, ele nasceu em Hamburgo e lá fez toda sua formação cultural, compreendendo o aperfeiçoamento em oboé e o curso de regência da Escola Superior de Música da Universidade de Hamburgo. Mas já aos sete anos, o professor Hülsberg dominava a leitura musical, somando à formação escolar seu próprio esforço pessoal.

— Em minha família, apenas minha mãe teve alguma formação musical. Mas o costume alemão de estudar o canto coral exerceu grande influência sobre mim, e procurei aperfeiçoar-me nele e na música, mais tarde, de modo geral. Minha formação, no início, foi basicamente autodidata.

Aos 15 anos, o maestro já regia seu primeiro coral, organizado e dirigido por ele. E, aos 17 anos, integrando o exército alemão na 2ª Guerra Mundial, Hülsberg formou sua companhia de oficiais num coral de excelente qualidade, segundo ele próprio.

Ao chegar a Porto Alegre, Alfred Hülsberg logo passou a integrar a orquestra da Rádio Farroupilha, pequena sinfônica onde atuou como instrumentista, arranjador e, em seguida, como regente. A Grande Orquestra Farroupilha, como era conhecida, executava músicas populares e semi-eruditas, em apresentações com intervalos de 15 dias, no auditório da própria Rádio. O maestro Hülsberg compôs sete óperas sobre temas sérios do momento, interpretadas pelos cantores líricos da própria orquestra.

— Foi uma experiência muito importante em minha vida, pois permitiu aprender muito sobre o trabalho numa orquestra, especialmente para os músicos jovens, como eu era na época.

Alfred Hülsberg é hoje um homem de mais de 70 anos. Considerado um dos melhores arranjadores do país, mantém um permanente desejo de renovação musical.

— É comovente trabalhar com os jovens, como faço aqui na Escola de Formação de Músicos da OSPA. Pode-se aprender muito com eles, pois nossa proposta é ambiciosa: não apenas formar músicos para a OSPA, mas para as orquestras de todo país. Existe uma realidade: é difícil encontrar bons instrumentistas no Brasil; por isso, na Escola, procuramos dar-lhes uma boa formação, mesmo enfrentando problemas como a falta de espaço para ensaios, mas sempre procurando nos adaptar. Até mesmo as obras escolhidas para as apresentações dependem do material humano disponível. Mas o trabalho é bom, e agora temos o maestro Eleazar de Carvalho trabalhando conosco; ele é uma pessoa de alta competência e grande talento pedagógico. Isso é muito importante.

MÚSICA ERUDITA

Alfred Hülsberg é, ao mesmo tempo, um homem sofisticado e simples. Simples no modo de vestir, na forma de se expressar, na relação quase íntima que se estabeleceu na conversa. Sofisticado na formação cultural, no bom gosto para a música. O maestro aprecia o jazz e a música popular brasileira e já foi considerado o

melhor arranjador popular do sul do país. Mas reconhece que a chamada música erudita não ocupa um espaço maior na cultura do país por falta de divulgação. Aliás, o maestro põe em discussão o termo "erudita", pois essa denominação sugere que se tenha uma formação cultural mais sólida para ser apreciada. Isso não é verdade, para Hülsberg, pois para gostar da música de concerto, ou artística, como prefere chamá-la, basta ter um ouvido atento, concentrar-se e deixar que a própria música comunique.

— Não é verdade que o público aprecie somente a música pop estrangeira ou a MPB, que acontece é que ninguém pode gostar daquilo que não conhece. Nós estamos condicionados pela indústria fonográfica internacional, que dá pouca atenção à música "clássica", clássica aqui no sentido de universal, de valor elevado e eterno. Isso se reflete até no ensino da música no Brasil, onde a única formação de caráter gratuito se dá em nível universitário, na UFRGS. Mas para estudar música só é necessário o talento musical. Por que as pessoas devem estar na Universidade para desenvolver seu talento? Isso é elitismo.

RENOVAÇÃO DO PÚBLICO MUSICAL

O importante, na opinião do maestro, é renovar o público musical, que exigirá, mais da produção fonográfica. E isso a OSPA está fazendo, com um trabalho que se dirige às escolas, onde, a cada ano, mais ou menos 10 mil crianças têm contato com a Orquestra Sinfônica.

— A OSPA é a mais importante instituição cultural do RS, com reflexos no cenário nacional e internacional e já foi, em outra época, a mais bem paga orquestra do Brasil. Estamos fazendo tudo para que ela retome seu lugar de destaque no país, mas as dificuldades têm sido muitas e o apoio governamental pequeno. Porém, a existência de uma orquestra sinfônica em uma cidade confere a esta cidade o caráter de possuir um povo evoluído culturalmente e com possibilidades econômicas superiores. Queremos devolver este lugar de destaque ao Estado do Rio Grande do Sul.





São Francisco de Paula precisa do turismo



MARILISE SOARES DE ZOTTI

São Francisco de Paula é uma cidade da serra gaúcha que fica a 90 quilômetros de Porto Alegre. O município possui quedas d'água, cataratas, lagos, clima e paisagem típicos da serra. Entretanto, ao invés de desenvolver-se através do seu grande potencial turístico, a cidade está diminuindo de população e tornando-se inviável economicamente, enquanto suas belezas naturais ficam à espera de quem as descubra.

A população de São Francisco, de um modo geral, quando ouve a palavra "turismo" fica entusiasmada e procura mostrar todas as vantagens que a cidade oferece nesse sentido. Mas sempre existe a queixa final de que a administração do município é relapsa quanto à possibilidade do desenvolvimento do turismo na região.

O prefeito Escobar Nunes Marques rebate estas críticas dizendo: "Quando entrei para a Prefeitura, senti que o povo queria que eu investisse no turismo. Como São Francisco já é um pólo turístico natural, eu tentei melhorar o acesso à cidade através das estradas Canela-São Francisco de Paula, a Cambará e a BR-101 que liga ao litoral".

De fato, a ligação de São Francisco à Canela, através de uma estrada asfaltada, fechou o chamado circuito do turismo, onde quem vai de Porto Alegre a Gramado e Canela pode voltar por São Francisco de Paula.

RECURSOS

Mas, mesmo com o melhoramento do acesso à cidade e até a instalação do telefone automático, o movimento turístico da cidade continuou parado. Segundo o vereador do PDS, Adolmar Maciel, a administração atual não teve recursos para investir na infraestrutura necessária ao turismo. "Agora, com a nova distribuição do ICM, na qual a cidade foi beneficiada, poderemos fazer uma grande promoção em torno de São Francisco de Paula para que todo Brasil a conheça. Mas, para isto, deveremos ter hotéis em quantidade e em condições de atender os turistas que virão", esclareceu o vereador.

Um dos candidatos à Prefeitura, Luiz Salvador, também citou o problema da falta de recursos e opinou sobre o porquê do desenvolvimento de Gramado e Canela como regiões turísticas, enquanto São Francisco ficou estagnada: "Há muitos anos atrás existia uma linha de trem para aquela região, isto ajudou a propa-

gação das belezas daquelas cidades, que agora vivem praticamente do turismo. Ao mesmo tempo, São Francisco ficava isolada pois não existiam nem estradas para o acesso à cidade."

São Francisco de Paula possui quatro hotéis, nenhum deles é classificado pela EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo) com mais de duas estrelas (código que indica a qualidade dos hotéis e que vai ao máximo de cinco estrelas). A capacidade desses estabelecimentos varia de 13 apartamentos no Hotel Cima da Serra a 40 no Hotel Cavalinho Branco. Os outros dois somam perto de 40 apartamentos.

Um investidor no ramo imobiliário da cidade, o advogado Carlos Stanhke, diz que os hotéis não têm condições de suportar uma demanda turística maior: "No momento em que a administração começa a preocupar-se em trazer o turismo para São Chico, terá, ao mesmo tempo, que trazer hoteleiros de fora, pois, além de termos poucos hotéis, com pouca capacidade, alguns fecham no inverno e a maioria não fornece refeições."

O prefeito Escobar Marques também ressalta a necessidade de se levar o investidor de fora a aplicar no ramo hoteleiro da cidade: "Só que para isto precisamos ter uma infraestrutura capaz de receber estes investimentos e é isso que a Prefeitura está procurando fazer com o pouco dinheiro que tem".

Concordando com o prefeito, a diretora do Departamento de Turismo da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo do Estado, Norma Moesch, disse: "De parte do Estado, a preocupação maior está vinculada à idéia da complementação asfáltica ao Itaimbézinho e à interligação dos aparados de Cima da Serra com o Litoral Norte". Revelou ela que houve tentativas isoladas de investidores privados para a construção de hotéis mas que a falta de infraestrutura acabou prejudicando tais intenções.

INVESTIMENTOS

"A grande maioria dos negócios imobiliários em São Francisco são com pessoas de fora", é o que diz Carlos Stanhke, dono de uma imobiliária na cidade. Geralmente são pessoas que querem ter uma casa na região para passar o fim-de-semana. "Estes turistas fixos, diz ele, querem que os terrenos tenham, no mínimo, luz elétrica e água encanada". Estas duas coisas fundamentais podem não existir se o terreno for fora da zona urbana da cidade.

O turista procura São Francisco, segundo seus habitantes, pela tranquilidade natural que a cidade possui: "As pessoas que vêm de fora querem sossego, silêncio e vegetação nativa, coisas que elas não têm na cidade e que Gramado e Canela, por exemplo, estão perdendo, pois são muito divulgadas", confirma o prefeito da cidade.

Norma Moesch, da Secretaria de Turismo, ressalta que a região da Serra conhecida como Roteiro das Hortênsias, onde estão situadas Nova Petrópolis, Gramado, Canela e São Francisco de Paula, ainda está em fase de estruturação formal da oferta turística: "É necessário que Gramado e Canela fiquem saturadas para que São Francisco seja espontaneamente atingida pelos fluxos turísticos, além, é claro, de ser contemplada com investimentos físicos compatíveis à riqueza dos seus recursos naturais."

Hamilton Ataíde Carvalho, representante da empresa responsável pelo maior loteamento já feito em São Francisco de Paula, as "Colinas de São Francisco", disse que a procura pelos terrenos na área continua a mesma desde o lançamento da promoção. Isto prova que a cidade é sempre alvo de interesses de novos compradores. Um levantamento feito na cidade constatou que já há perto de 800 casas de veraneio.

RECEPTIVIDADE

Muitas pessoas dizem que a falta de desenvolvimento turístico da região se deve à frieza com que o serrano trata os que vêm de fora. "Isto não é verdade, diz o vereador pelo PMDB Walter Zini, o serrano tem um modo de vida que é aquela do interior: dorme cedo, não gosta de barulho, tem amizades mais profundas. Acontece que o serrano criou uma "casca" com esses seus costumes, que existem até pelo clima frio da cidade, mas esta casca pode ser quebrada no momento em que aparecem novas pessoas com novas idéias".

Segundo Zini, com o afluxo de turistas nos fins-de-semana, ou em épocas próprias, a cidade perderia a calma natural que tem, mas isso seria compensado com o progresso e a possibilidade da ocupação da mão-de-obra excedente.

Carlos Stanke fala que a população não tem nenhuma relação quanto aos loteamentos, nem contra, nem a favor. "Em compensação, acrescenta, o comércio sente-se gratificado porque há mais consumo. Já o pecuarista, que desempenha um papel importante na região, é arredo ao turista por ter medo que amanhã ou depois sua propriedade venha ser considerada ponto turístico".

Ao contrário do que pensa Stanke, o prefeito Escobar afirma que o homem serrano aceita perfeitamente o turismo e que o homem da pecuária terá até suas terras valorizadas pela procura turística: "O que ele não pode é investir no ramo, que é uma atividade completamente diferente da pecuária".

SOLUÇÕES

Walter Zini diz que a população está consciente de que a cidade tem potencialidades turísticas. "O que acontece é que esta consciência do povo não encontrou resposta na administração municipal. Desde 1970 as dotações orçamentárias para o turismo são insignificantes, no ano de 1982 o orçamento da Prefeitura é de 270 milhões e apenas a quantia de 400 mil cruzeiros foi destinada ao turismo. Cabe ainda destacar que 50 por cento desta verba foi destinada à construção de pórtico para a cidade."

Zini aponta inúmeras soluções, mas a principal é a divulgação das belezas naturais de São Francisco junto com o desenvolvimento das condições para receber os turistas tais como hotéis, restaurantes, campings e até o artesanato. Ele também defende a criação de uma Secretaria de Produção que se destinaria a melhorar e incentivar a produção de produtos típicos da região como o queijo e o charque. "Finalmente, diz ele, devemos ir nestas cidades como Gramado e Canela a fim de trazer para cá os comerciantes que não têm mais possibilidades de enfrentar a concorrência lá".

Não é o que pensa o prefeito, pois ele diz que no momento em que São Francisco tiver uma infraestrutura perfeita, os investidores irão naturalmente à cidade atraídos pelas belezas naturais do município.

Seja qual for a solução para o problema do turismo em São Francisco o certo é que, no momento, esta parece ser a única forma da cidade escapar da crise pela qual está passando. Cerca de 10 mil franciscanos deixaram o município de 1970 a 1980, por falta de emprego, há excesso de mão-de-obra, há falta de indústrias mesmo artesanais e a única atividade econômica, que é a pecuária, está passando por grandes dificuldades.

O turismo, quando explorado conscientemente, só gera lucros; é agente multiplicador de empregos, de renda, de produção além de benefícios culturais produzidos pela integração humana.